

Autoria, evolução e sentido: apontamentos para uma releitura da “Carta sobre a génese dos heterónimos”⁵

Jorge Uribe

Resumo

Neste artigo são considerados diferentes momentos da receção crítica da chamada “Carta sobre a génese dos heterónimos”, desde a sua primeira publicação, em 1937, até aos nossos dias, ao mesmo tempo que se recolhem e confrontam os materiais genéticos do espólio relacionados com a produção da Carta e do relato que ela contém. Esta análise simultânea das possibilidades de leitura do texto e da sua materialidade procura oferecer novas diretrizes para uma leitura na qual ficção e filologia participam na interpretação dos comentários de Pessoa acerca do seu processo criativo.

Palavras-chave: Pessoa, autoria, receção, correspondência, arquivo, ficção.

Abstract

In this article, we consider different periods of the critical reception of the so-called “Letter on the genesis of the heteronyms”, since its first publication in 1937 until our days, while we collect and confront the genetic material from the author’s archive related to the production of the letter and of the narrative that it contains. This simultaneous analysis of the reading possibilities of the text and of its materiality seeks to provide new guidelines for an interpretative assessment of Pessoa's comments on his own creative process in which fiction and Philology stand together.

Keywords: Pessoa, authorship, reception, correspondence, archive, fiction.

⁵ O presente artigo é uma parte revista e atualizada do capítulo final da tese de doutoramento *O drama da crítica: Oscar Wilde, Walter Pater e Matthew Arnold, lidos por Fernando Pessoa*, defendida na Universidade de Lisboa, em Junho de 2014.

Autoria, evolução e sentido: apontamentos para uma releitura da “Carta sobre a génese dos heterónimos”

Jorge Uribe

A famosa carta que Fernando Pessoa escreveu, a 13 de Janeiro de 1935, concluída, como indica o *post-scriptum*, no dia 14 do mesmo mês, foi a resposta a um pedido de informações endereçado por Adolfo Casais Monteiro, jovem colaborador da *presença*, numa outra carta em que o felicitava pelo prémio do Secretariado de Propaganda Nacional, recentemente outorgado ao livro *Mensagem*. Apesar de versar sobre vários assuntos – *Mensagem*, publicações futuras e ocultismo –, a resposta de Pessoa adquiriu, pelo uso entre os críticos, o título espúrio de “Carta sobre a génese dos heterónimos”⁶, enfático, portanto, só a respeito de uma das suas partes. O relato principal é conhecido: a 8 de Março de 1914, Pessoa escreveu, a fio, uma grande quantidade de poemas – cerca de quarenta –, e a partir dessa data começaram a existir, como autores da sua própria escrita, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, cada um perfeitamente identificável como individualidade e todos ainda contrastantes com a obra de Fernando Pessoa ele próprio. Daí que tal dia merecesse o epíteto *triumfal*.

Desde as leituras do próprio Casais Monteiro e de João Gaspar Simões, desenvolvidas e publicadas poucos anos depois da morte do autor, a Carta tornou-se num dos textos mais referidos da obra pessoana. Contudo, perdura a dificuldade de esclarecer do que se está a falar quando se fala do que *lá está*, na Carta, de aí que esta se mantenha no centro de alguns debates. A Carta é, com efeito, uma caracterização intencional de um autor sobre si próprio e sobre a sua obra, portanto, um texto fundamentalmente acerca de outros textos. Porém, a Carta manifesta uma ambiguidade constitutiva, visível logo na reiteração constante por parte do seu autor de que está a escrever uma carta, mas que, na realidade, está é a “conversar”, espontânea e desinteressadamente, – “Supponha – e fará bem em suppor, porque é verdade – que estou simplesmente fallando consigo.” (Martines, 1998: 252). As afirmações do tipo X, mas na realidade Y, têm contribuído para que o texto da Carta seja colocado no meio de discussões entre os críticos, nas quais por vezes parece

⁶ Adiante, refere-se a “Carta” em maiúscula. Todas as citações da Carta se transcrevem a partir de Martines, 1998: 251-260. Ainda, a abreviatura BNP/E3, corresponde a citações a partir de originais do espólio de Fernando Pessoa, à guarda na Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio 3.

que a filologia é inimiga natural da ficção, e esta última, por sua vez, inimiga da verdade. Uma leitura não tão marcadamente dicotômica poderia ser oportuna

Sobre a leitura

Dois ensaios recentes prestaram especial atenção à Carta e tornaram necessário discutir diversos modos de leitura da mesma, antes de poder falar sobre ela diretamente. Por um lado, Miguel Tamen, num ensaio intitulado “Caves e andares nobres”, reflete acerca de tipos de ceticismo a serem exercitados perante um texto que, devido em parte à superabundância de explicações, resulta suspeito demais para ser em verdade uma explicação (Tamen, 2002: 89). Segundo Tamen, um grupo de leitores teria achado que o que a Carta diz tem, ou deveria ter, uma relação de correspondência direta com uma realidade que eles supõem histórica, rememorada pelo autor, em 1935, tal qual como aconteceu ou pelo menos como houve memória de que tenha acontecido. Esse grupo mereceria a designação de “os crentes na carta”. Não nomeados por Tamen, parece que, para além de leitores pouco informados, a adesão completa e sem reservas a esse primeiro grupo é relativamente reduzida⁷. Vale a pena notar que nem sequer o destinatário original da Carta, Casais Monteiro, poderá ser considerado um membro sem reservas do grupo, apesar de ter afirmado, numa carta dirigida posteriormente a Pessoa, que *acreditava* numa série de coisas *ditas* na Carta, mas que não eram “a Carta”, ou, pelo menos, não *somente*. A salvaguarda foi formulada contundentemente no texto que acompanhou a primeira publicação da Carta, em 1937: “A carta de Fernando Pessoa que se publica é, sob vários pontos de vista, uma obra excepcional, anormal até, na literatura portuguesa. Repare-se: não digo ‘um documento para a história da literatura portuguesa’, mas sim ‘uma obra.’” (Monteiro, 1937: 5). Mais adiante voltaremos à importância dessa distinção.

Poderia parecer candidata a membro do grupo Luciana Stegagno-Picchio, notável académica italiana, que, em 1988, perguntou e respondeu num título de artigo: “Filologia vs. Poesia? Eu defendo o dia triunfal” (Stegagno-Picchio, 1988: 63-69). Naquela altura,

⁷ Alguns possíveis membros do grupo merecem ser referidos. Agostinho da Silva, ter-se-ia convencido da historicidade do relato genético a respeito dos poemas de Caeiro: “E sabemos [...] que grande parte da produção poética de Alberto Caeiro foi escrita a jactos de inspiração e composição [...] Só no dia 8 de Março de 1914, mais ou menos um antes de morrer, escreveu os trinta e tantos poemas de O Guardador de Rebanhos” (Silva, 1957: 55); porém não deixa de ser curiosa a referência num mesmo plano de realidade à morte desse poeta em 1915. Por outro lado, Pierre Hourcade parece exibir uma posição análoga, pelo menos temporalmente: “Até prova em contrário, persisto em crê-la [a Carta] literalmente exata [...]” (Hourcade, 2016: 88).

Stegagno-Picchio manifestou-se contrariada relativamente a afirmações de certos estudiosos, por ela interpretadas como adversas ao que a Carta *diz* e tendentes a tornar prescindível o relato genético que nela se sustenta. Nesse contexto, afirmava que o seu propósito não era o de defender historicamente os conteúdos da Carta, hipótese que descartava à partida, mas, como alternativa, estabelecer um método cindido de leitura que permita que a Carta seja filologicamente falsa e poeticamente verdadeira; um jogo de “dupla verdade” inspirado na *docta ignorantia* de Nicola Cusano (*ibid.*: 63). O leitor deveria poder ler o relato de Pessoa na Carta sem ser enganado historicamente por ele, e salvaguardar a sua compreensão da obra tal qual como ali é descrita. Essa duplicidade seletiva promoveria um isolamento instrumental, protegendo a legitimidade do relato. No fim do artigo, torna-se claro que Stegagno-Picchio, em vez de estar interessada unicamente nas próprias crenças, como o seu título sugeria, faz com que o protagonista do seu credo seja o próprio Fernando Pessoa. O artigo conclui com a afirmação lapidar: “Mas Pessoa acreditava no dia triunfal, e sem o dia triunfal não se explica a poesia de Fernando Pessoa.” (*ibid.*: 69), e essa conclusão parece fazer com que a avaliação do efeito que o relato genético tem para a compreensão da obra deixe de ser um assunto de receção, isto é, acerca do que certos leitores podem fazer com o relato, e passe a apelar à suposta intimidade psíquica do autor, que, embora inverificável, pressupõe-se capaz de explicar ou justificar alguma coisa.

Os argumentos de Stegagno-Picchio surgiram num momento particular dos estudos pessoanos, e foram motivados por membros do que Tamen considera ser um segundo grupo de leitores, que teriam tido acesso a materiais verosimilmente autorizados a desmentir as informações da Carta, assinalando a sua não congruência histórica. Esses leitores, após as suas descobertas, sentir-se-iam empurrados a contar uma história de desengano: “Quando me foi mostrado o [manuscrito de *O Guardador de Rebanhos*] eu estava convencido (...) de que Pessoa tinha dito a verdade a Casais Monteiro na sua carta de 13 de Janeiro de 1935 (...)” (Pessoa, 1986: 11). O comentário anedótico de Ivo Castro figura na introdução à edição fac-similada do manuscrito de *O Guardador de Rebanhos*, a obra central no relato do *dia triunfal* que a Carta cristalizou:

Não sei quanto tempo foi preciso para começar a notar que nem tudo o que estava à vista concordava com as minhas primeiras impressões [...] o interesse do manuscrito deixava de ser o de documentar a história contada por Pessoa e passava a ser o de a pôr em causa [...]. (*ibid.*, 12)

Castro estaria interessado, sobretudo, na correspondência factual entre o que a Carta dizia e o que os papéis do espólio respondiam quando interrogados, pondo em causa os termos dessa relação. Algo de que não duvidava é que os papéis do autor, diferentemente de Fernando Pessoa, “são personagens impassíveis e imparciais.” (*ibid.* 13). Esta posição perante os manuscritos é representativa do modo como Tamen caracterizou o segundo grupo de leitores da Carta, coincidindo com o primeiro num aspeto: “Como os crentes não-cépticos, não têm dúvidas acerca daquilo que a carta diz. Mas, ao contrário destes, acham que a carta diz algumas coisas que não são verdade.” (Tamen, 2002:90). Nesses termos, a preocupação de leitores como Stegagno-Picchio seria a de fazer com que o relato da Carta continue a ser importante para a compreensão da obra, após ter sido descrito como falso por leitores como Castro. A avaliação num “jogo de dupla verdade” estaria advogando por uma espécie de não contaminação entre as duas partes em questão: ambas verdadeiras, sim, mas separadamente, partindo do pressuposto de que o que a Carta *diz* foi corretamente percebido em ambos casos.⁸

Um terceiro grupo de leitores seria céptico de um modo não definitivo com relação à Carta: “porque não percebe[m] bem aquilo que a carta diz, não faz[em] recomendações acerca da sua veracidade ou falsidade.” (*ibid.*). Segundo Tamen, que se identifica com esse terceiro grupo, antes de achá-la informativa sobre outros textos ou acontecimentos, esses leitores assinalam que é preciso perceber que a Carta *diz* coisas acerca de si própria que podem ser mais ou menos compreendidas, suficientes ou não perante as expectativas daqueles que queiram usá-la como explicação. Decorre desse interesse o reconhecimento de que o modo como a Carta *está escrita* tem uma relação possivelmente análoga com

⁸ Em 2014, Castro reiterou a sua perspectiva, concordando tendencialmente com a postura de não-contaminação de Stegagno-Picchio, embora do lado oposto do debate. Para Castro o *dia triunfal*, como sucesso da linguagem, reproduz a arbitrariedade do signo linguístico saussureano para com seus referentes (17-18). A questão, como me proponho desenvolver aqui, é se os referentes do *dia triunfal* são necessariamente suposições de eventualidades históricas, ou se não são os papéis pessoais tal qual como subsistem no espólio, dado que o objeto do relato da Carta são precisamente alguns desses papéis, reais ou hipotéticos. No primeiro caso, como argumenta Castro, a conversa está mais ou menos acabada. No segundo, a arbitrariedade na relação entre o que o *dia triunfal* é materialmente e o que pode significar, vê-se enquadrada no facto do relato genético decorrer numa dinâmica de interação implicativa entre os seus materiais constituintes. O relato, então, não seria paradoxal por um acaso acidental de existirem papéis que o “contradizem”, senão que a existência de ditos papéis constitui parte da significação do relato *qua* paradoxal; essa leitura leva-nos ao encontro da pergunta com que Castro fecha o seu artigo: “Não se deveria considerar também como acto de escrita autográfica a alinhar [...] a crucial decisão de guardar praticamente todos os autógrafos que comprovam exactamente o contrário do que os textos declaram?” (24). Na mesma direção apontava Jerónimo Pizarro em 2012: “Pessoa wrote a famous letter about the genesis of his heteronyms (dated January 13, 1935), but he also left his papers, maybe with the intention of allowing us to make a deeper and more suspicious reading of his narrative on the genesis (...)” (2012: 121; *apud* Penteadó).

outros elementos da obra de Fernando Pessoa; a Carta fala de si própria, como também fazem as obras acerca das quais Casais Monteiro queria saber mais. O próprio Casais Monteiro deu conta dessa familiaridade quando optou por colocar a Carta do lado das “obras” e não dos “documentos” apêndices. Isto, apesar de poder significar uma desilusão parcial das suas expectativas de esclarecimento, interrogando Pessoa com a esperança de obter respostas diretas e verídicas, não o deixou necessariamente de mãos vazias. O problema para Casais Monteiro encontra-se marcado pela dificuldade de deslindar o seu interesse em obter informações sobre como certas obras foram escritas do facto de se ver obrigado a usar, como meio para esse fim, um elemento que não é isento do mesmo tipo de questões.

Alguns anos após o ensaio de Miguel Tamen, Abel Barros Baptista publicou “De espécie complicada”, ensaio no qual problematiza a fixação de qualquer tipo de crença dogmática que decorra da leitura da Carta, apelando a um dilema típico da crítica literária, confrontada com objetos que não se conformam com uma descrição única e definitiva. Barros Baptista exemplifica o caso, aproveitando as leituras opostas precisamente dos dois primeiros críticos pessoanos: João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro. Para o primeiro, segundo Baptista, Pessoa teria sido um mistificador malicioso que se ria do engano em que fizera cair os seus leitores quando falava de um certo modo sobre a sua obra, disfarçando o verdadeiro conteúdo confessional, de corte edipiano, que Gaspar Simões explorou detalhadamente em *Vida e obra de Fernando Pessoa: historia de uma geração* (1950). A adjectivação de Simões atingiu um lamentável exagero de simplificação quando, em 1951, exclamou: “Caímos na armadilha. Fomos, realmente, burlados, como foram burlados os seus amigos para quem ele preparou, de peito feito, a grande “palhaçada” dos seus heterónimos.” (*apud.* Baptista, 2010: 28)⁹. A Carta seria, então, a peça-chave de uma armadilha, e uma armadilha reconhecida é quase uma armadilha desativada. Como assinala Baptista, a posição de Simões é, contudo, infeliz, e parece a de alguém que gostaria de ter recebido algumas advertências antes de ter escrito um livro de 700 páginas acerca de um assunto sobre o qual não podia ter certezas; a pior delas sendo a de não estar certo de não

⁹ A desconfiança de Simões, acerca da correspondência pessoana, estava presente já num texto de Julho de 1936, que acompanhou a publicação de uma carta pessoana de 11 de Dezembro de 1931. Simões comenta a reacção de Pessoa a respeito do artigo “Fernando Pessoa e as vozes da inocência”: “o poeta [...] não se quis reconhecer no meu ensaio de explicação da sua personalidade [...] É exactamente por isso, pelo que há nesta carta de singularmente revelador quanto à imagem que o poeta se obstinava em julgar ser a sua, que esta carta merece ser publicada.” (Simões, 1936: 20).

ter percebido as advertências. A enraivecida decepção de Simões foi motivo de troça por parte de Casais Monteiro, dando lugar ao que Baptista chamou de o “gracejo de Casais” (cf. Baptista, 2010: 30).

A leitura que Casais Monteiro fez da Carta é de tipo diferente da de Simões. Segundo Baptista, Casais Monteiro estaria interessado em dar crédito à Carta que Pessoa lhe enviou, porque se reconhecia em parte responsável por ela. A Carta era uma resposta às perguntas formuladas por ele – ou, pelo menos, isso era o mais fácil de achar naquela altura –, com o desejo de que o que provocassem em Pessoa fosse proveitoso para um, qualquer que fosse, seu interesse por informações acerca de como certos textos tinham sido escritos. Não obstante, e como adverte Baptista, haveria uma componente volátil na vontade inquisitiva de Casais Monteiro, que o aproxima do que ele próprio ridiculizou em Simões. Casais Monteiro incluiu a seguinte frase na resposta que enviou a Pessoa:

(...) eu creio na realidade de Caeiro, do Ricardo Reis, do Álvaro de Campos. E isto é o mais extraordinário: cada um deles é um poeta, cada um tem *de verdade* a sua personalidade (...) não me resta dúvida de que você é *habitado* por essas personalidades. Não posso contudo ignorar que v. é embora *um só*. E eis a grande dificuldade. (Martines, 1998: 263)

O jovem crítico referia-se, então, a uma *verdade* que não seria histórica e que ele reconhecia nos poemas dos heterónimos, sendo essas obras as que motivaram seu primeiro interesse. Não obstante, persistia a impossibilidade de sentir-se satisfeito acerca do que os próprios poemas dizem sobre o modo como foram escritos, e por isso, ia, uma vez mais, à procura do autor entendido como agente unitário e habilitado a falar claramente. Como apontou Baptista, o perigoso dessa intenção encontrar-se-ia na possibilidade de Casais Monteiro estar a pensar que aquele “*um só*” ao qual se dirige em cartas:

tem sobre as outras personalidades que o habitam a vantagem de poder receber cartas, de assim poder ser solicitado a falar dessas outras personalidades, e talvez, sobretudo, em deduzir de tal presunção que desse *um só* haveria de vir uma resposta *não contaminada* nem por elas nem pelo modo como o habitam. (Baptista, 2010: 34)

Se Casais Monteiro tinha a esperança de que Pessoa pudesse responder às suas perguntas deixando de lado, por um momento, aqueles outros que o habitavam, ou melhor ainda, a condição de ele ser “habitável”, e que sendo ele “*um só*” falasse só dele não *contaminadamente*,

a sua ilusão não seria muito diferente daquela que, vendo-se frustrada, causou a irritação de Gaspar Simões.

Como alternativa, Baptista vai ao encontro de Tamen, ao sublinhar um aspeto fulcral, que pode ser resumido como sendo o interesse de um grupo de leitores pela maneira como a Carta *está escrita*. O ponto é desenvolvido pelo segundo dos críticos, evocando o facto de Pessoa começar a narrativa do nascimento de Caeiro, na Carta, com a afirmação de que o primeiro motivo da génese dos heterónimos teria sido a vontade de “fazer uma partida a Sá-Carneiro”. Tamen notou que a Carta não afirma que a intenção de fazer uma partida ter-se visto frustrada seja fundamental para a génese de Caeiro; o que a Carta afirma, segundo Tamen, é que “[m]esmo que a ‘partida’ não resulte, faça parte da história do aparecimento do heterónimo” (Tamen, 2002: 91). Acerca do finalmente bem-sucedido aparecimento de Caeiro – “Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir – instintiva e subconscientemente – uns discípulos [...]” –, Tamen aponta, certamente, para o significado ambíguo de uma das palavras da frase: “É como se “descobrir” [...] quisesse ao mesmo tempo dizer ‘ver o que lá está’ e ‘inventar o que lá não está’.” (*ibid.*: 91). Por causa de coexistências semelhantes, Baptista lembra da “fobia da endrómina” (Baptista, 2010: 27) que ameaça os críticos literários, e que se vê amplificada pela caracterização do relato de Pessoa na Carta como uma “origem fendida para a heteronímia”, cimentada na proliferação de oposições: “a da brincadeira e a do êxtase, a do poeta brincalhão que fabrica e a do poeta inspirado que veicula, a do menino que prega partidas aos colegas e a do visionário que recebe em casa a visita do mestre, a do mestre que se impõe e a dos discípulos que reagem à imposição [...]” (*ibid.*: 39)¹⁰. A impossibilidade de decidir por uma das escolhas não garante que não haja uma errada; se assim fosse, a tarefa seria uma em que se ganha sempre, e não haveria lugar para fobias.

O problema central retorna: a Carta, assim como as obras heterónimas, não deixa satisfeito o leitor, empurrando-o a querer saber ainda mais sobre o modo como *foi escrita*. Perguntar a Pessoa, assim como Casais Monteiro perguntou acerca das obras heterónimas

¹⁰ A natureza contrastante dos elementos que compõem o relato da Carta foi notada desde cedo por leitores da obra pessoana, entre os quais Jacinto do Prado Coelho: “Pessoa, ao referir o seu processo de criação literária, adopta alternadamente uma explicação fatalista e uma explicação voluntarista.” (*apud.* Pentead: 73). Concorro com Flávio Pentead quando encaminha a sua leitura da Carta pela via da “confluência” e da “conjunção” (75) em oposição à ênfase na “contradição”: “Desdobrar o paradoxo, entretanto, não implica resolvê-lo. Expor determinadas atitudes paradoxais de Pessoa, indicando possíveis incongruências entre projeto e prática, não garante o desenlace desse nó; bem ao contrário, apenas sublinha o fato de ele o ter programaticamente elegido como um dos pilares para a construção de sua obra e de seu pensamento. Em síntese: não cai em contradição, mas sim a provoca.” (*ibid.*: 73).

que o cativaram, já não é possível. Perguntar aos papéis de Pessoa não garante que o crítico, hoje, esteja numa posição completamente diferente daquela em que esteve Casais Monteiro, e que esteja livre de perigos. Um deles poderia ser o de provocar o aparecimento de uma ou mais “novas” cartas sobre a génese dos heterónimos.

Os pre-textos da Carta: sobre a génese da génese dos heterónimos

Historicamente falando, o relato dos acontecimentos do dia 8 de Março de 1914 enviado a Casais Monteiro não foi o primeiro escrito por Pessoa sobre a aparição dos poemas posteriormente reunidos sob “nomes de gente” (Pessoa, 1928: 10), isto é, Caeiro, Campos ou Reis, nem sobre a relação entre esses poemas-pessoas. A ideia de narrar momentos de *revelação* de poemas tinha-lhe ocorrido a Pessoa muito antes de 1935. Um exemplo curioso, datável de finais de 1929, surge num esboço de carta a Aleister Crowley, o famoso mago que Pessoa veio a conhecer em Lisboa, em 1930:

The creation of Caeiro and of the discipleship of Reis and Campos seems, at first sight, an elaborate joke of the imagination. But is not. It's a great act of intellectual magic, a *magnum opus* of the impersonal creative power. [...] I need all the concentration I can have for the preparation of what may be called, figuratively, as an act of intellectual magic – that is to say, for the preparation of a literary creation in a, so to speak, fourth dimension of the mind. (Pessoa, 2012A: 234)

O relato da Carta de 1935 é, com efeito, apenas o que, comparativamente, integra mais elementos. Apesar de ser o último da série, em parte porque foi redigido no ano da morte do autor, não deverá supor-se que torna prescindíveis todos os anteriores, os quais, seja porque Pessoa não teve o tempo ou interesse em fazê-los desaparecer, continuam disponíveis para quem os saiba procurar. Essa coexistência faz com que os vestígios e variantes participem do atual sentido do texto, condição ainda potencializada por tratar-se de uma narrativa que é essencialmente sobre outros textos e a sua génese, isto é, sobre o processo de escrita¹¹. Para que note essa relação dialogante, intra-textual e genealógica (cf. Castro, 2014: 24), é requerido do crítico que vá, mais uma vez, ao encontro dos papéis do

¹¹ Este tipo de leitura reivindica o interesse das que Almuth Grésillon formulou como fronteiras do “avant-text” e o modo como veio entender a relação entre o estudo do processo criativo e a análise da receção de um texto literário: “Comme au début du processus scriptural, vers la fin aussi, lecture et écriture, production et réceptions sont liées. Si à la première page de mes *Éléments* j'avais assigné à la critique génétique la mission de donner la réplique à l'esthétique de la réception (...), j'ai appris entretemps que les deux approches sont interdépendantes.” (Grésillon, 2007; p. 37).

espólio, ainda que não tenha a certeza de que estes sejam “personagens impassíveis e imparciais”. Convém também ter presente que a natureza indeterminadamente aumentativa da empresa está implícita na etimologia da palavra autor, ou, como Pessoa disse na Carta a Casais Monteiro: “Em eu começando a fallar e escrever à maquina é para mim fallar –, custa-me encontrar o travão.” (Martines: 255).

O trecho da Carta de 1935, que monopolizou às atenções dos leitores, consiste numa história em que a possibilidade de erro na rememoração é assinalada à partida:

Ahi por 1912, salvo erro (que nunca poderá ser grande), veio-me à idéa escrever poemas de indole pagã [...] (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis.) | Anno e meio, ou dois annos, depois lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro – de inventar um poeta bucolico, de especie complicada [...] Levei uns dias a elaborar o poeta mais nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 – acerquei-me de uma commoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa especie de extase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triumphal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. [...] Desculpe-me o absurdo da phrase: apparecera em mim meu mestre [...] E tanto assim que, escriptos que foram esses trinta e tantos poemas, immediatamente peguei noutro papel e escrevi, a fio tambem, os seis poemas que constituem a “Chuva Obliqua”, de Fernando Pessoa. Immediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa elle só. Ou, melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro. (*ibid.*: 255-256)

Este relato corresponde àquilo que os leitores comumente associam à expressão *dia triumphal*, lembrando com graus variados de precisão os elementos que o compõem. O que muitos leitores ignoram é que existem relatos semelhantes que sobreviveram no espólio, e que sugerem um processo gradual de desenvolvimento dessa narrativa. O mais curioso de todos esses vestígios ou protótipos do relato, como o demonstra a sua muito particular história editorial, é o documento BNP/E3 20-74^r a 78^r, quatro fragmentos de folha manuscritos a caneta, publicado numa versão mais definitiva por Enrico Martines, em 1998, como sendo um esboço preparativo da Carta a Casais Monteiro, motivo pelo qual esse editor supôs que tivesse sido redigido numa data próxima de Janeiro de 1935¹². Anos

¹² Apesar de não concordar com a proposta de datação de Martines, como se verá, concordo com as suas anotações a respeito da ordem do texto (cf. Martines, 1998: 407). A datação “c. 1935” tinha sido previamente sugerida em Pessoa, 1966: 101, onde o texto foi transcrito seguindo a ordem do espólio.

mais tarde, Richard Zenith publicou o mesmo texto com data de “1920?”, e numa edição mais recente, de Zenith e Cabral Martins, o texto surge com data de “1928?”.¹³

O texto em questão começa *in medias res*, de um modo que lembra imediatamente a Carta a Casais Monteiro:

Tive sempre, desde creança, a tendencia para *augmentar* o mundo com personalidades ficticias, (...) Não tinha eu mais que cinco annos, e (...) já me acompanhavam algumas figuras de meu sonho – um capitão Thibeaut, um Chavalier de Pas e outros que já me esqueceram (...). (BNP/E3 20-74r)

A versão da mesma narrativa de infância surge na Carta, mas chama imediatamente a atenção ao reparar em algumas diferenças concretas:

Desde creança tive a tendencia para crear em meu torno um mundo ficticio, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram (...) um certo *Chevalier de Pas* dos meus seis annos, por quem escrevia cartas delle a mim mesmo (...) Lembro-me com menos nitidez, de uma outra figura, cujo nome já não me ocorre mas que o tinha estrangeiro também, que era, não sei em que, um rival do Chevalier de Pas. (Martines, 254)

Dada a evidente coincidência, está explicado o desejo de Martines de aproximar o momento de redação de ambos textos, embora, assim sendo, as diferenças reclamem então mais justificações ou questionamentos à memória pessoana. Mas não pode ser apenas isso o que está em causa; e não é.

A opção de datar o texto de “1928?”, considerada por Zenith e Cabral Martins, sugere uma aproximação ao momento em que foi redigida a *Tábua Bibliográfica de Fernando Pessoa*, publicada na *presença*, em Dezembro desse ano. Esta associação é produtiva porque o texto efetivamente viria preencher lacunas narrativas nas quais a *Tábua* tinha incorrido, se confrontada com o relato mais completo, isto é, o da Carta, nomeadamente ao falar da relação entre Pessoa e Caeiro, como será visto a seguir. Lembre-se que entre as características mais notáveis da *Tábua* está o facto de ser a primeira ocorrência impressa dos

¹³ Com a primeira datação, Zenith estaria a sugerir a possibilidade de o texto ser contemporâneo dos esboços de um prefácio para a publicação em conjunto das obras assinadas com outros nomes, sob o título “*Aspectos*” cf. Pessoa, 2010: 449, datável, por ele, de começos da década de 1920, por motivos que explicou em *Prosa Íntima* (Pessoa, 2007: 468-469). Essa datação do trecho – antes considerado esboço da Carta a Casais Monteiro – seria justificada pela presença de uma afirmação acerca da condição mediúnica de Pessoa: “Medium, assim, de mim mesmo, todavia subsisto”, semelhante à do prefácio: “A cada personalidade mais demorada, que o author destes livros, conseguiu viver dentro de si, elle deu-lhe uma indole expressiva [com a qual] o author real (...) nada tem, salvo o ter sido no escreve-las, o medium de figuras que ele proprio criou.” (Pessoa, 2010: 449). Ainda que em termos temáticos se justifique a aproximação, esta não parece possível materialmente, como o próprio Zenith terá considerado ao sugerir a nova datação de “1928?” em 2012. Vê-se assim como muitas vezes é muito problemática a suposta “impassibilidade” dos papéis pessoanos.

termos obra heterónima e ortónima (cf. Sepúlveda: 206-212), como duas categorias constitutivas de “o que Fernando Pessoa escreve” (Pessoa, 1928: 10), e também o facto de incluir uma primeira descrição restrita do *drama em gente*: “As obras destes trez poetas [Caeiro, Campos e Reis] formam (...) um conjuncto dramático; (...) É um drama em gente, em vez de em actos”. Restrita, dissemos, pela omissão de Pessoa no simpósio e a afirmação de Caeiro ter tido só “dois” discípulos. Faz sentido, portanto, dizer que o texto “Tive sempre, desde creança” é posterior à *Tábua*, e aperfeiçoa o relato antes apresentado. Essa colocação cronológica fá-lo coincidir com um momento específico onde as narrativas autorais pessoanas acerca do seu processo criativo começaram a proliferar quando o autor entrou em comunicação direta com os seus primeiros críticos e admiradores.

Com esse fim deve notar-se que o suposto esboço da Carta de 1935, ou nota tipo *Tábua Bibliográfica*, apresenta uma narrativa própria do dia em que foram escritos alguns poemas de Caeiro e alguns poemas de Fernando Pessoa, incluindo uma afirmação perentória, de todo ausente na *Tábua* ou em qualquer versão prévia:

Sou tambem discipulo de Caeiro, e ainda me lembro do dia – 13 [↑ 8]¹⁴ de Março de 1914 – quando ~~escrevendo~~ tendo “ouvido pela primeira vez” (isto é, tendo acabado de escrever, de um só hausto do espirito) grande numero dos primeiros poemas do Guardador de Rebanhos, imediatamente escrevi os seis poemas-intersecções que compõem a “Chuva Obliqua” (Orpheu 2), manifesto e logico resultado da influencia de Caeiro sobre o temperamento de Fernando Pessoa. (BNP/E3 20-77¹⁵)¹⁵

Nessa linha, é possível sugerir ainda mais uma data para a redação do suposto esboço, considerando que mantém, temática e materialmente, uma relação de contiguidade com outros documentos do espólio, e tendo como apoio a reconstrução de um momento particular de escrita. Esse momento específico incide diretamente sobre o que o texto pode dizer e a quem o diria, supondo ainda que se trata do esboço de uma carta. Assumir estas questões é procurar aferir o modo como este texto em particular existe e se torna legível

¹⁴ Note-se que até agora nenhuma das edições consultadas deu notícia da existência do número “8”, que aparece no documento por cima do número “13”. O número, em letra pequena, *está lá* e parece ter sido redigido com a mesma caneta; cf. um detalhe do documento:



¹⁵ Neste caso, apresento uma transcrição diplomática que inclui os acidentes da escrita, por estarem em relação direta com o argumento desenvolvido.

aproximando-o da Carta a Casais Monteiro, isto é, o modo como este participa do que a Carta, hoje, *diz*.

Note-se ainda que o trecho citado atrás é, em síntese, uma versão menos estilizada – primitiva? – da afirmação “nasceu em mim meu mestre” presente na Carta de 1935. A dúvida do autor a respeito do dia exato do acontecimento, de 13 para 8 de Março, adquire todavia maior relevância no confronto do chamado “manuscrito de O Guardador de Rebanhos” que Ivo Castro publicou em fac-simile, e que contém vários poemas datados de 13 de Março de 1914 mas nenhum de dia 8 (cf. Pessoa, 1986: 31-71 e Castro: 23). Como sugere o acréscimo imediato, com a mesma caneta, a informação cronológica divergente poderia ser apaziguada após a consulta de um exemplar de *Orpheu* 2, onde *Chuva Oblíqua* surgia impresso com data de 8 de Março de 1914. É possível que Pessoa simplesmente se tivesse esquecido, ou tivesse duvidado de uma decisão já tomada, o qual poderia assinalar que a acuidade de se lembrar do dia exato, ou fixar a sua importância, não seria igualmente assertiva numa altura em que o relato como conjunto de elementos concatenados ainda não existia. Inclusive, seria possível imaginar que foi a data impressa em *Orpheu* a que viria, mais tarde, fixar a data dos poemas de “O Guardador de Rebanhos”, todos, ou quase todos, para 8 de Março, criando assim uma concentração temporal que não existia, narrativa ou historicamente, antes de existir o relato do *dia triunfal*.¹⁶

O que o documento em questão acrescenta de definitivo aos outros relatos acerca das “relações pessoais” que habitam a obra de Pessoa, constituindo assim um subgénero que poderemos chamar *o que Fernando Pessoa escreve sobre o que Fernando Pessoa escreve* – somando mais uma às categorias enumeradas na *Tábua Bibliográfica* – é a asseveração de que Pessoa também é um discípulo de Caeiro. A *Tábua* de 1928 encontrava-se em linha de

¹⁶ É relevante lembrar aqui da existência de um documento que sugere que Pessoa teria considerado atribuir *Chuva Oblíqua* a um possível Bernardo Soares, junto da afirmação de que a poesia era “o lixo da sua prosa” (cf. Pessoa, 2010: 452). A datação desse documento é objeto de discussão e poderia tratar-se do primeiro indício de existência de um Soares primitivo, próximo do surgimento dos heterónimos, ou então de um texto de 1929, como sugerem os mais fiáveis editores do *Livro do Desassossego*. Ainda, antes de ser publicada no *Orpheu* 2, *Chuva Oblíqua* “pertenceu”, em listas de projetos e correspondência, à obra de Álvaro de Campos (Pessoa, 1999: 127) e a um primeiro Alberto Caeiro, que também era autor de “Odes futuristas” (cf. Sepúlveda: 106-107). A confirmação da autoria “Fernando Pessoa” do conjunto “interseccionista” e a centralidade que adquiriria no *drama*, por ser o ponto de contacto com Caeiro, seria, portanto, um assunto particularmente relevante tanto no ano de 1914 como no começo dos anos trinta, mas não era um assunto definido à partida. Caio Gagliardi desenvolveu uma detalhada leitura de *Chuva Oblíqua* como poema paradigmático do deslocamento da *autoria* em Pessoa, atribuindo-lhe um papel fundamental na estruturação do drama da escrita como *interseção* de elementos difusos, chegando inclusive a afirmar, exegeticamente, que a redação desse conjunto poético deveria ter antecedido à dos poemas de Alberto Caeiro, fazendo-os possíveis (cf. Gagliardi, 2005: 300).

parentesco direto com um dos esboços do prefácio “*Aspectos*”, não publicado, mas datável do começo da década de vinte, e no qual se afirmava: “Este Alberto Caeiro teve dois discípulos e um continuador filosófico” (Pessoa, 2010: 450). Nenhum desses discípulos era, então, Fernando Pessoa¹⁷. A relação pedagógica mais inclusiva, não formulada em 1928 na *Tábua* – nem no esboço de carta a Crowley citado antes –, só viria a ser explicitada publicamente, na *presença*, em Janeiro de 1931, e pela pena de Álvaro de Campos.¹⁸

Para compreender a importância deste acréscimo informativo, é necessário lembrar que Gaspar Simões, no seu livro *Temas*, de 1929 – o primeiro ensaio crítico exclusivamente sobre Pessoa jamais realizado¹⁹ –, tencionou descrever a possível relação de síntese que Caeiro exercia sobre Reis, Campos e, surpreendentemente, sobre o próprio Pessoa, sem que Pessoa a tivesse desenvolvido em nenhum texto publicado até então, para além do que os poemas por si mesmos deixavam entrever. No argumento pioneiro de Simões, a “síntese” Caeiro, fundada na experiência concreta da realidade sensível que originaria a poesia de Campos, Reis e Pessoa, não chegaria a realizar-se ao ser “evitada” por um Pessoa-autor irremediavelmente cerebral, que acabava sempre se refugiando numa “patética concepção desumanizadora da arte” (Simões, 1929: 181-182). Segundo Simões, Pessoa estava condenado a voltar da experiência Caeiro tal qual como até lá tinha chegado, ou, talvez, só um pouco mais frustrado pela insinceridade da empresa. Vê-se como Simões fazia o que podia com o material que ia tendo a mão, pois lembre-se que, na *Tábua Bibliográfica*, o “drama em gente e não em actos” era conformado apenas por Caeiro, Reis e

¹⁷ A condição de mestre é constitutiva de Caeiro desde a sua origem. Porém, os termos e componentes dos relatos acerca do seu magistério sofreram alguma variação durante a vida da obra pessoana. Um texto específico sobre a influência de Caeiro, datável de 1917, aproximadamente, e que só foi publicado postumamente, contém o seguinte relato acerca do que anos mais tarde seria o *drama em gente*: “Ha ~~trez~~ quatro annos encontravam-se em Lisboa os trez colaboradores d’esta revista [Caeiro, Reis e, Pessoa ou Mora?] e um outro individuo ainda, poeta, hoje desviado infelizmente para attitudes febris mysticas, e ebrias de desequilibrio [Campos ou Pessoa?] [...] Um anno depois Alberto Caeiro leu-nos a serie de poemas que veem publicados adeante, e que formam o grande primeiro passo para o nosso fim. [...] *O Guardador de Rebanhos* foi para todos nós qualquer cousa como para um geographo sonhador da Renascença deveria ser a descoberta de America [...]” (BNP/E3 87-91v). A edição crítica de *Obras de António Mora* (cf. Pessoa, 2002: 138) deturpou a contextualização do texto, possivelmente por lapso de transcrição, fixando “quinze annos” e não “quatro”.

¹⁸ O caso de António Mora, o continuador filosófico – que não pode ser aqui abordado em detalhe –, é complexo; Mora não seria mencionado na *Tábua*, mas reapareceria nas *Notas para a recordação* publicadas por Pessoa (cf. 1931: 11), para finalmente ser excluído da Carta a Casais Monteiro.

¹⁹ Como bem lembrou Richard Zenith, na conferência inaugural do 4º Congresso Internacional da Casa Fernando Pessoa, em Lisboa, o de João Gaspar Simões seria o primeiro grande ensaio dedicado exclusivamente a Pessoa, embora já antes existisse um breve artigo que cumpria com essas características, publicado pelo açoriano José Rebelo de Bettencourt em 1928, no livro *O mundo das imagens*, do qual existe uma cópia na Biblioteca Particular de Pessoa (CFP 8-594 LMR).

Campos, deixando de lado a Fernando Pessoa, o responsável por tudo o que Simões compreendia ser autêntico e sincero na obra pessoana.

Consequentemente, no texto “Tive sempre, desde criança”, encontramos Pessoa a afirmar, de maneira veemente, a sua condição de discípulo, e a retomar o conceito de *drama em gente* da *Tábua* com um acréscimo explicativo: “Trata-se [...] simplesmente do temperamento dramático elevado ao máximo, escrevendo em vez de dramas em actos e acções dramas em almas. Tam simples é, na sua substancia, este phenomeno aparentemente tam confuso.” (BNP/E3 20-76⁵)²⁰. Um modo de refutar a inutilidade da viagem até Caeiro – da qual se tinha persuadido Simões e que o levaria a considerar, mais tarde, o assunto uma “palhaçada” –, seria criar uma narrativa que mostrasse que de Caeiro, dos seus poemas, não se regressava idêntico e que o mero contacto com o mestre era já uma conversão. A ideia não era nova; estava implícita no *Orpheu* a respeito de Álvaro Campos; a passagem iluminadora do *Opiário*, datado de Março de 1914, para a *Ode Triunfal*, de Junho do mesmo ano é um indício (fabricado) da existência de Caeiro. Porém, até Janeiro de 1931, nenhuma versão dessa narrativa tinha sido publicada.

Nesta ordem de ideias, o texto que foi considerado pelos editores esboço da Carta de 1935 ou contemporâneo da *Tábua Bibliográfica*, no qual Pessoa afirma ser discípulo de Caeiro e cria, ou lembra-se de ter criado, o vínculo direto entre *O Guardador de Rebanhos* e os poemas de *Chuva Oblíqua*, apresenta uma proximidade patente, material e de conteúdo, com alguns trechos das *Notas para a recordação do meu Mestre Caeiro* de Álvaro de Campos²¹.

²⁰ Pessoa insistiu no mesmo ponto, em carta a Casais Monteiro de 20 de Janeiro de 1935: “O que eu sou essencialmente – por traz das mascaras involuntarias de poeta, do raciocinador e do que mais haja – é dramaturgo. O phenomeno da minha despersonalização instintiva, a que alludi na minha carta anterior, para explicação da existencia dos heteronymos, conduz naturalmente a essa definição.” (Martines: 266).

²¹ O texto “Tive sempre, desde criança” (BNP/E3 20-74^r e 78^r) se encontra manuscrito a caneta preta numa metade de folha impressa de *Sobre um Manifesto de Estudantes*, o mesmo material usado no esboço de carta a Aleister Crowley, de Dezembro de 1929 (BNP/E3 14B-5^r e 6^r), e de vários componentes do conjunto *Notas para a recordação do meu Mestre Caeiro* (BNP/E3 16A-10 a 13, 71-10 e 11, 71A-17 e 18, 71A-46 a 50; cf. Pessoa, 2014: 331-350). No mesmo tipo de suporte existe uma comunicação mediúnica, datada de “3-1-1930”, com a frase: “You mark now soon a marvellous stage in the least of your careers.” (Pessoa 2001: 330); e ainda, um curioso texto sobre a *existência* dos heterónimos: “[...] eu verifiquei que eu só fui a ficção, e Caeiro, Reis e Campos, e outros que venham a haver, sejam as verdadeiras realidades de que eu não fui mais que o paiz ou a estalagem [...] Alvaro de Campos disse-me – sim, affirmo, Alvaro de Campos disse-me: “É preciso deixar o leitor respirar intellectualmente [...]” (Pessoa, 2014: 678). É claro que há outras datas associadas ao mesmo suporte, que é abundante no espólio, mas torna-se difícil negar que há um conjunto restringido a um período cronológico, que se ocupa de um mesmo assunto. Também de “1930?” foi datado por Cabral Martins e Zenith um esboço de um prefácio para “*Ficções do Interlúdio*” que constituiria o texto mais completo acerca das obras heterónimas que se conheça, pois refere as obras de Campos, Caeiro, Reis, Mora, o Barão de Teive e Bernardo Soares, e apresenta a seguinte descrição do magistério caeriano: “Que importa que Caeiro seja de mim se assim é Caeiro? | Assim, operando sobre Reis, que ainda não havia escripto alguma cousa, fez nascer nelle uma fórma propria e uma pessoa esthetica. Assim, operando sobre Campos, o alargou dentro de si,

Embora nem todos os suportes materiais das *Notas para a recordação* estejam datados, alguns sustentam uma relação de contemporaneidade material com um esboço da primeira *Nota* publicada na *presença*, que começa: “Conheci o meu mestre Caeiro em circunstâncias excepcionais [...]” (BNP 16A-10; cf. Pessoa, 2014: 199), texto datado no autógrafo de 26 de Abril de 1930. Num desses suportes contemporâneos, existe um relato em terceira pessoa acerca do dia 8 de Março de 1914 na vida de Fernando Pessoa:

O F[ernando] P[essoa] escreveu a fio – a fio, humanamente – aquelles poemas [*Chuva Obliqua*] elle, o Fernando Pessoa que, quando escreve uma quadra, emprega esforços de organização industrial para ver como ha [de] dispor atravez d’ella os dezassete raciocinios que ella é obrigada por lei a conter; (...) Este homem, tam inutilmente bem-dotado, vivendo constantemente na parabulia da sua complexidade, teve naquelle momento – também elle – a sua libertação. Se elle algum dia se esquecer ao ponto de publicar qualquer livro, se o livro fôr de versos, e vierem datados os pequenos poemas, ver-se-ha que ha qualquer coisa de differente nos que teem datas posteriores a 8 de Março de 1914. (Pessoa, 2014: 464)

Esta nota, de Álvaro de Campos, limita-se a dar fé de que Pessoa viveu uma certa transformação no dia 8 de Março de 1914, e que escreveu poemas “a fio”, sublinhando que isso não lhe era próprio e que lhe tinha sido externamente facultado. Ainda, uma outra nota, que se encontra no espólio dactilografada e quase sem emendas, oferece outra versão da mesma narrativa, onde Campos descreve quatro encontros distintos com Caeiro:

Por mim, antes de conhecer Caeiro, eu era uma machina nervosa de não fazer coisa nenhuma. Conheci o meu mestre Caeiro mais tarde que o Reis e o Mora [...] Já tinha escripto versos – trez sonetos e dois poemas (“Carnaval e “Opiario”). Esses sonetos e estes poemas mostram o que eu sentia quando estava sem amparo. Logo que conheci Caeiro, verifiquei-me. Cheguei a Londres e escrevi immediatamente a “Ode Triumphal”. E de ahi em deante, por mal ou por bem, tenho sido eu. | Mais curioso é o caso de Fernando Pessoa, que não existe, propriamente fallando. Este conheceu Caeiro um pouco antes de mim – em 8 de Março de 1914, segundo me disse. [...] Ouviu ler o Guardador de Rebanhos. Foi para casa com febre (a d’elle), e, num só lance escreveu a Chuva Obliqua, os seis poemas. (*Ibid.*: 461)

Nestas linhas o adjetivo que qualifica a *Ode* de Campos, publicada em *Orpheu 1*, resulta adjacente da data 8 de Março de 1914, e o relato vê-se adereçado pelo triunfalismo que Campos representava na obra pessoana desde *Orpheu*, embora nos seus últimos poemas

como se lhe quebrasse diques. Assim, operando sobre mim mesmo, me livrou de sombras e farrapos, me deu mais inspiração á inspiração e mais alma a alma. Depois d’isto, assim prodigiosamente conseguido, quem perguntara se Caeiro existiu?” (BNP 20-78; cf. Pessoa, 2012: 238).

– alguns recentemente publicados na *presença*, tais como *Aniversário*, e, mais tarde, *Tabacaria* – se tivesse tornado saudoso e disfórico. A linha final “Viva o meu mestre Caeiro!”, fecha o ciclo elegíaco emotivo. É esta contaminação emocional de Campos para Pessoa que justifica o comentário deste último, acerca das *Notas para a recordação*, na Carta a Casais Monteiro de 1935: “(...) ao escrever certos passos [das *Notas para a recordação*] tenho chorado lágrimas verdadeiras. É para que saiba com quem está lidando meu caro Casais Monteiro!”²². Ninguém poderá dizer então que não houve advertências.

Uma conceção múltipla e evolutiva

O texto “Tive sempre, desde creança [...]”, que dialoga diretamente com as *Notas para a recordação* de Campos, poderá ser lido como sendo mais próximo, cronologicamente, da correspondência entre Pessoa e Gaspar Simões, acontecida sobretudo entre 1929 e 1932, do que da Carta a Casais Monteiro de 1935. A esse respeito, considere-se um trecho do mesmo texto que tem intrigado alguns editores.

Após a narrativa do dia 13/8 de Março, Pessoa escreve: “Um outro leitor, tendo verificado com pasmo que estas paginas não são datadas de Rilhafolhes ou do Telhal □ (...)” (BNP/E3 20-76^f). A frase não foi concluída, mas sugere um aspeto relevante: estas não seriam páginas datadas de um manicómio, isto é, datadas como as de uma carta. A indicação reavalia a hipótese de Enrico Martines, que, acima de outras considerações, apresentou o texto como sendo esboço de uma carta. Porém, a ser assim, seria mais provavelmente uma carta para um correspondente familiar em 1930, e não Casais Monteiro, com o qual a correspondência pessoana só teve um verdadeiro começo em 1933²³. Veja-se ainda como, no mesmo texto, é desenvolvida a ideia de motivar ou recusar algumas interpretações sobre a sua obra:

²² Numa importante carta não enviada a Gaspar Simões, de Junho de 1929 (cf. Martines, 275-277), que deveria servir como resposta ao envio do livro *Temas* mas que Pessoa se autocensurou (cf. Feijó: 13-17), falava-se das “lágrimas de alegria” que o autor “quasi chorara” ao “concluir” o prefácio de Ricardo Reis aos poemas de Caeiro. Um outro texto, também datável de 1930, participa do ciclo lacrimosos de Pessoa perante a sua obra, e merece ser citado: “Choro sobre as minhas paginas imperfeitas, mas os vindouros, se as lerem, sentirão mais com o meu choro do que sentiriam com a perfeição, se eu a conseguisse, que me privaria de chorar e portanto até de escrever. O perfeito não se manifesta. O santo chora, e é humano. Deus está calado. Porisso podemos amar o santo, mas não podemos amar deus.” (Pessoa, 2010, 501).

²³ A primeira carta de Pessoa a Casais Monteiro data de 11 de Janeiro de 1930, mas constitui apenas uma nota breve de agradecimento. A correspondência foi retomada apenas a 26 de Dezembro de 1933, e Pessoa parece ter-se esquecido da existência da primeira carta, ou isso quis dar a entender (cf. Martines, 1998: 244).

Não nego porém – favoreço até – a explicação psiquiátrica; mas deve compreender-se que toda a actividade superior do espirito, porque é anormal, é igualmente susceptível de interpretação psiquiátrica. Não me custa admittir que eu seja louco, mas exijo que se comprehenda que não sou louco differentemente de Shakespeare, qualquer que seja o valor relativo dos productos do lado são da nossa loucura (BNP/E3 20-76^r).²⁴

Não é possível dizer que isto confirme a hipótese de que o texto analisado seja o esboço de uma carta para Gaspar Simões, redigido numa data próxima de 1930 e finalmente não enviada, como outras. Os termos de análise que o crítico usava, timidamente em *Temas* e enfaticamente em *O Mistério da Poesia*, eram psicanalíticos e não psiquiátricos, e se a psicanálise e a psiquiatria podem ser semelhantes numa certa noção de transparência ou de obscuridade da obra com relação ao autor, não são, contudo, coincidentes. O trecho acima citado é, de facto, um possível esboço do começo das explicações dadas a Casais Monteiro, que na Carta de 1935 seguem ao enunciado “Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heteronymos é o fundo traço de histeria que existe em mim.” (Martines, 1998: 253)²⁵. Contudo, a possibilidade de que um correspondente pudesse ser trocado por outro, sendo-lhe enviada matéria cuidadosamente preparada, em alguns casos até com mais de cinco anos de antecedência, ilumina um traço fundamental da escrita pessoana, partilhado tanto pela correspondência – independentemente de estar dirigida a Crowley, Simões, Casais Monteiro ou todos nós – como pelas *Notas para a recordação* de Campos, nas quais teria sido incubada a narrativa do *dia triunfal*, posteriormente sugerida a Pessoa. É nesse sentido que acertou redondamente Casais Monteiro quando chamou a carta que recebeu, em 1935, uma “obra”.

Portanto, a narrativa do *dia triunfal*, que é o relato paradigmático do tipo de autor que Pessoa queria persuadir-nos de que era, resulta numa acumulação de elementos prévia e intencionalmente concebidos, respondendo a variações no meio em que surgiram. Isto, em certo sentido, é o oposto do que o relato sugere num primeiro nível de leitura, ou

²⁴ É interessante ver uma outra manifestação da auto-comparação com Shakespeare mas desta vez na correspondência com Gaspar Simões, em Novembro de 1931: “(...) poder alguém dizer que eu mesmo aguardo um livro meu! Mas já o meu confrade William Shakespeare, pessoa de alguma categoria ate os Deuses, soffria da mesma doença do outro lado da alma...” (Martines, 1998: 164).

²⁵ Existe outro documento dactilografado onde a mesma ideia é desenvolvida em termos mais próximos dos da carta de 1935, e precisamente no contexto de uma carta: “Vou explicar-lhe a maneira de composição das figuras que componho em mim. Deve entender-se esta explicação como o desdobramento analytic de um phenomeno mais ou menos inconsciente. Fora impossivel compor essas personalidades por um impulso determinado da razão. | Sou, psiquiatricamente considerado, o que se chama um hystero-neurasthenico” (BNP 28-11^r). Cabral Martins e Zenith consideraram o texto como sendo próximo de 1935 (cf. Pessoa, 2013: 271).

seja, a descrição do autor mediúnico que escreve dezenas de poemas a fio, e que responde espontânea e desinteressadamente ao que se lhe pergunta. Mas a questão central da escrita pessoana estaria na constatação desse paradoxo. Caeiro, o mestre ignorante da tradição romântica, mas que sintetiza e transcende a tradição que ignora, é a máxima estilização do mesmo procedimento expressivo; outro tanto vai para a famosa frase “não evoluo, VIAJO” (Martines, 1998: 266). Estas dinâmicas adquirem um tom ligeiramente lúdico ao notar-se que um dos detalhes mais curiosos do *dia triunfal*, na versão da Carta de 1935, é o suposto costume de escrever em pé que Pessoa *confessa*: “acerquei-me de uma commoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso.” (*ibid.*:255). Pessoa, que se saiba, não comenta noutros lugares esse costume. Porém, como já apontou Rita Patrício (2012: 284), o elemento terá chegado à narrativa após a publicação do ensaio “Fernando Pessoa e as vozes da inocência”, em que um Gaspar Simões *de peito feito* afirmava: “[Flaubert] só podia escrever sentado; (Rousseau), passeando. (...) Fernando Pessoa pertence (...) à categoria dos que escrevem sentados.” (Simões, 1930: 11). Em retaliação: nem sentado, nem passeando, Pessoa escrevia em pé. Esse gracejo já tinha sido anunciado por Pessoa numa carta que escreveu a Simões em Dezembro de 1931²⁶, dizendo-lhe que não estava a perceber nada: “Deve v. comprehender, antes de mais nada, que estou a fazer a crítica [do seu livro] assim mesmo, escrevendo corrente e directamente á machina a que estou sentado, sem procurar fazer literatura (...)” (Martines, 1998:172)²⁷. Tudo isto para que Gaspar Simões soubesse – e soube, porque a Carta a Casais Monteiro também estava dirigida a ele, por interposta pessoa, como, afinal, a todos nós – que Pessoa deleitava-se com um tipo muito sofisticado de partidas pregadas, embora não fosse somente disso que o assunto tratava. Lembre-se a partida que Pessoa quis pregar a Sá-Carneiro, inventando um poeta bucólico. A intenção inicial podia ser essa, ou uma outra qualquer, mas o assunto veio integrar algo muito diferente. O que acaba por não ser fácil de perceber é que Simões tenha tido uma surpresa desgostosa ao verificar que estava a ser objeto de chacota mais ou menos amistosa. Isto porque Gaspar Simões nunca foi mais

²⁶ Para uma análise aprofundada do conteúdo da carta e da progressão da tensão crítica na correspondência entre Pessoa e Simões, cf. Patrício, 2012: 274-283.

²⁷ Deverá notar-se que a mesma formulação, que é um traço de estilo, se encontra com ligeiras modificações tanto na Carta a Casais Monteiro – “Estou (...) escrevendo directamente, tam depressa quanto a machina m’o permite, e vou-me servindo de expressões que me occorrem, sem olhar a que literatura haja nellas.” (Martines, 1998: 252) –, como no esboço de um conto, datável de 1914, intitulado *Um Carta de Argentina*: “Peço, igualmente, que tu faças todos os esforços para me leres a fio e áparte. (...) Nem julgues que faço, ou que vou fazer, literatura” (Pessoa, 2015: 40).

clarividente a respeito de Pessoa do que quando escreveu as seguintes linhas no seu livro *Temas*, em 1929: “Porque nunca chegamos a saber quando Fernando Pessoa fala sério ou ironiza. Tudo, mesmo, o que aí vai escrito sôbre a sua obra – pode êle reduzi-lo, amanhã, a uma ficção.” (Simões, 1929: 185). O verbo “reduzir” é que não estava certo.

Pregar partidas é uma ação que, na escrita de Pessoa, resulta muito próxima de escrever obras literárias, proximidade propícia para confusões. No esboço da carta a Crowley, de Dezembro de 1929, a expressão também surgiu: “The creation of Caeiro and of the discipleship of Reis and Campos seems, at first sight, an elaborate joke of the imagination. But is not.”. Invoque-se mais um exemplo ainda para concluir. Tanto na Carta a Casais Monteiro de 13/14 de 1935, como em correspondência trocada com Gaspar Simões, surge a afirmação de que algumas coisas, que começaram por estar erradas, depois “estão certas”. Em carta enviada a Simões, datada de 14 de Julho de 1930, Pessoa comenta, acerca da publicação do poema *Aniversário* de Álvaro de Campos na *presença*: “A data [no poema] está fictícia: escrevi esses versos no dia dos meus anos (de mim), quer dizer a 13 de Junho, mas o Alvaro nasceu em 15 de Outubro, e assim se erra a data para certa.” (Martines: 124). Na Carta a Casais Monteiro, a afirmação é reiterada, também a respeito de Campos: “Alvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1.30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes, e é verdade, pois feito o horoscopo para essa hora, está certo.)” (*ibid.*: 257). A *verdade* da Carta a Casais Monteiro, e com ela a da “gênese dos heterónimos”, está “certa” num sentido análogo, que é, necessariamente, autorreferencial, intra-textual e progressivo na genealogia da escrita pessoana. Mas assim como Ferreira Gomes “falou certo” acerca da hora do nascimento de Campos, Pessoa entregou a outros a tarefa de “certificar” os elementos que a sua obra estava projetada a conter. Nesse sentido não é necessário separar o que os papéis pessoanos contam do que queremos saber acerca da obra, como talvez tenha pensado Stegagno-Picchio num momento de alarme. A história da obra, que não está fora dela, é contada por vozes discordantes que se implicam, se magnificam e se transformam, procedimento que está afinal implícito na gênese dos heterónimos em qualquer das suas possíveis encenações.

Referências

BAPTISTA, Abel Barros (2010) “De espécie complicada”, in *De espécie complicada*, Coimbra, Angelus Novus.

- CASTRO, Ivo (2014) “Quantas horas tem um dia triunfal?”, *Caderno do dia triunfal*, Revista Estranhar Pessoa, nº 1, editores Pedro Sepúlveda e Jorge Uribe, Outubro 2014: <http://.estranharpessoa.com/revista>
- FEIJÓ, António (2015) *Uma admiração pastoril pelo Diabo – Pessoa e Pascoaes*, Lisboa, INCM.
- GAGLIARDI, Caio (2005) *Fernando Pessoa ou do Interseccionismo*. Tese de Doutoramento, apresentada na Universidade Estadual de Campinas.
- ____ (2000) *A Construção do Cânone crítico sobre Fernando Pessoa: A crítica de Adolfo Casais Monteiro*. Dissertação de Mestrado, defendida na Universidade estadual de Campinas.
- GRÉSILLON, Almuth (2007) “«Nous avançons toujours sur des sables mouvants.» Espaces et frontières de la critique génétique”, in GIFFORD; SCHMID (org.) *La création en acte: devenir de la critique génétique*, Amsterdam, Rodopi.
- HOURCADE, PIERRE (2016) *A mais incerta das certezas. Itinerário poético de Fernando Pessoa*, edição e tradução de Fernando Carminho Marques, Lisboa, Tinta da China.
- MARTINES, Enrico (1998) *Cartas entre Fernando Pessoa e os diretores da presença*, Lisboa, INCM.
- MONTEIRO, Adolfo Casais (1937) “Sobre a carta que antecede”, *Presença, Folha de arte e crítica* nº49.
- PATRÍCIO, Rita (2012) *Episódios. Da teorização estética em Fernando Pessoa*, Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus.
- PENTEADO, Flávio (2014) “O efeito de verdade do Dia Triunfal”, *Caderno do dia triunfal*, Revista Estranhar Pessoa, nº 1, editores Pedro Sepúlveda e Jorge Uribe, Outubro 2014: <http://.estranharpessoa.com/revista>
- PESSOA, Fernando (2015) *A Estrada do Esquecimento e outros contos*, edição de Ana Maria Freitas, Lisboa, Assírio & Alvim.
- ____ (2014) *Obra completa de Álvaro de Campos*, edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello com colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas, Lisboa, Tinta da China.
- ____ (2012) *Teoria da heteronímia*, edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim.
- ____ (2010) *Livro do Desasocego*, tomos I e II, edição de Jerónimo Pizarro, Lisboa, INCM.
- ____ (2007) *Prosa Íntima e de auto-conhecimento*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim.
- ____ (2002) *Obras de António Mora*, edição de Luís Filipe Teixeira, Lisboa, Assírio & Alvim.
- ____ (2001) *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim.
- ____ (1999) *Correspondência de Fernando Pessoa, 1905-1922*, edição de Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim.
- ____ (1986) *O manuscrito de O Guardador de Rebanhos de Alberto Caeiro*, edição fac-similada, apresentação de Ivo Castro, Lisboa, Dom Quixote.

- _____ (1966) *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática.
- _____ (1931) “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro (algumas delas)”, *Presença*, nº 30, Janeiro de 1931.
- _____ (1928) “Tábua Bibliográfica de Fernando Pessoa”, *Presença*, nº 17, Dezembro de 1928.
- PIZARRO, Jerónimo (2012) “Pessoa’s Notebooks: Windows to Crowded Streets”, in DÍONISIO, João (org.), *Private: do (not) enter. Personal Writings and Textual Scholarship, Variants*, nº 8, Brill-Rodopi, January 2012.
- SEPÚLVEDA, Pedro (2013) *Os Livros de Fernando Pessoa*, Lisboa, Ática.
- SILVA, Agostinho da (1959) *Um Fernando Pessoa*, 2ª ed., Lisboa, Guimarães Editores.
- SIMÕES, João Gaspar (1950) *Vida e obra de Fernando Pessoa: história de uma geração*, Lisboa, Livraria Bertrand [1971].
- _____ (1936) “Notas à margem de uma carta de Fernando Pessoa”, *Presença, Folha de arte e crítica*, nº 48.
- _____ (1930) “Fernando Pessoa e as vozes da inocência”, *Presença*, nº 29, Novembro-Dezembro de 1930.
- _____ (1929) *Temas*, Coimbra, Presença, (consultado a partir do exemplar da Biblioteca Particular de Fernando Pessoa, CFP 8-519).
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana (1990) “Filologia Vs. Poesia? Eu defendo o dia triunfal”, in *Actas, Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa: Um Século de Pessoa*, organização de Isabel Tamen, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- TAMEN, Miguel (2002) “Caves e andares nobres”, in *Artigos Portugueses*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- URIBE, Jorge (2014) *Um drama da crítica: Oscar Wilde, Walter Pater e Matthew Arnold, lidos por Fernando Pessoa*. Tese de Doutoramento apresentada na Universidade de Lisboa.